

MADEIREIRAS Empresas já investiram US\$ 500 mi na região este ano; companhias são multadas por exploração ilegal

# Asiáticos buscam domínio na Amazônia

ANDRÉ MUGGIATI  
 da Agência Folha, em Manaus

ABNOR GONDIM  
 da Sucursal de Brasília

Madeireiras asiáticas adquiriram pelo menos duas empresas brasileiras do setor na Amazônia neste ano e devem iniciar investimentos para dominar o mercado local.

Pedro Benincá de Salles, diretor do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), estima que as madeireiras já investiram US\$ 500 milhões na Amazônia em 96.

Essas madeireiras estrangeiras são acusadas por ambientalistas de destruir florestas do Sudeste Asiático e em mais 20 países de zonas tropicais.

Em janeiro, a empresa malasiana WTK comprou a Amaplac, do Amazonas, por US\$ 7 milhões. Ela também adquiriu uma área de 300 mil hectares (mais de duas vezes a área do município de São Paulo) próxima ao rio Juruá (leste do Amazonas), por cerca de US\$ 2,4 milhões.

A chinesa Tianjin Fortune Timber adquiriu a Compensa, também do Amazonas. Outra madeireira malasiana, a Samling Strategic Corporation, já teria transferido US\$ 320 milhões para o Brasil, de janeiro a junho. Segundo o Ibama, a Samling estaria negociando a compra da Amacol, do Pará.

O diretor-financeiro da Amacol, Ademar Terra, porém, nega que a

empresa tenha sido comprada pela Samling. Mas ele confirma que empresários asiáticos estão adquirindo terras próximas ao rio Anapu (PA) e outras madeireiras. "A nossa não foi vendida", disse.

Segundo o americano Richard Bruce, consultor florestal da WTK, deverão ser explorados 205 mil hectares, seguindo um plano de manejo florestal exigido pela legislação brasileira.

Segundo dados do Ibama, será o maior plano de manejo florestal já implantado no Estado. O maior,

até então, referia-se a uma área de 50 mil hectares. A exploração dessa área permitirá à empresa a extração de 200 mil metros cúbicos de madeira por ano.

Esse valor colocará a Amaplac como líder de mercado no Amazonas, ao lado da alemã Gethal. A diferença é que a Gethal não extrai toda a madeira que beneficia, comprando parte dela de terceiros.

Hoje a empresa beneficia apenas 24 mil metros cúbicos de madeira por ano. A madeira é toda comprada de terceiros.

Para o superintendente do Ibama no Amazonas, Hamilton Casara, a WTK esconde outras intenções atrás dos projetos legais.

Em maio, o Ibama realizou uma vistoria na empresa e multou-a em R\$ 70 mil, por ter encontrado madeira de origem ilegal.

Casara diz suspeitar que "o equipamento que está sendo importado pela WTK permitirá a exploração de toda madeira que ela puder extrair ou comprar".

Ele aponta, por exemplo, modernos tratores importados pela em-

presa que aguardam a liberação da Receita no porto de Manaus.

Segundo funcionários do porto, dois tratores já foram liberados e outros três aguardam a liberação.

Ao todo, segundo Casara, serão cerca de cem máquinas. Bruce, porém, afirma que serão necessárias apenas dez máquinas para a realização do plano de manejo.

Casara diz que o plano de manejo deverá ser fiscalizado pelo Ibama, para que seja cumprido: "Os planos de manejo da maioria das empresas, hoje, são uma ficção."

Segundo Pedro Salles, do Ibama, os malasianos devem investir pesado em maquinário para aumentar a produção das empresas adquiridas. "O acesso das madeireiras asiáticas aos recursos florestais será feito por meio de 'contratos de gaveta' com os proprietários de terras", prevê Salles.

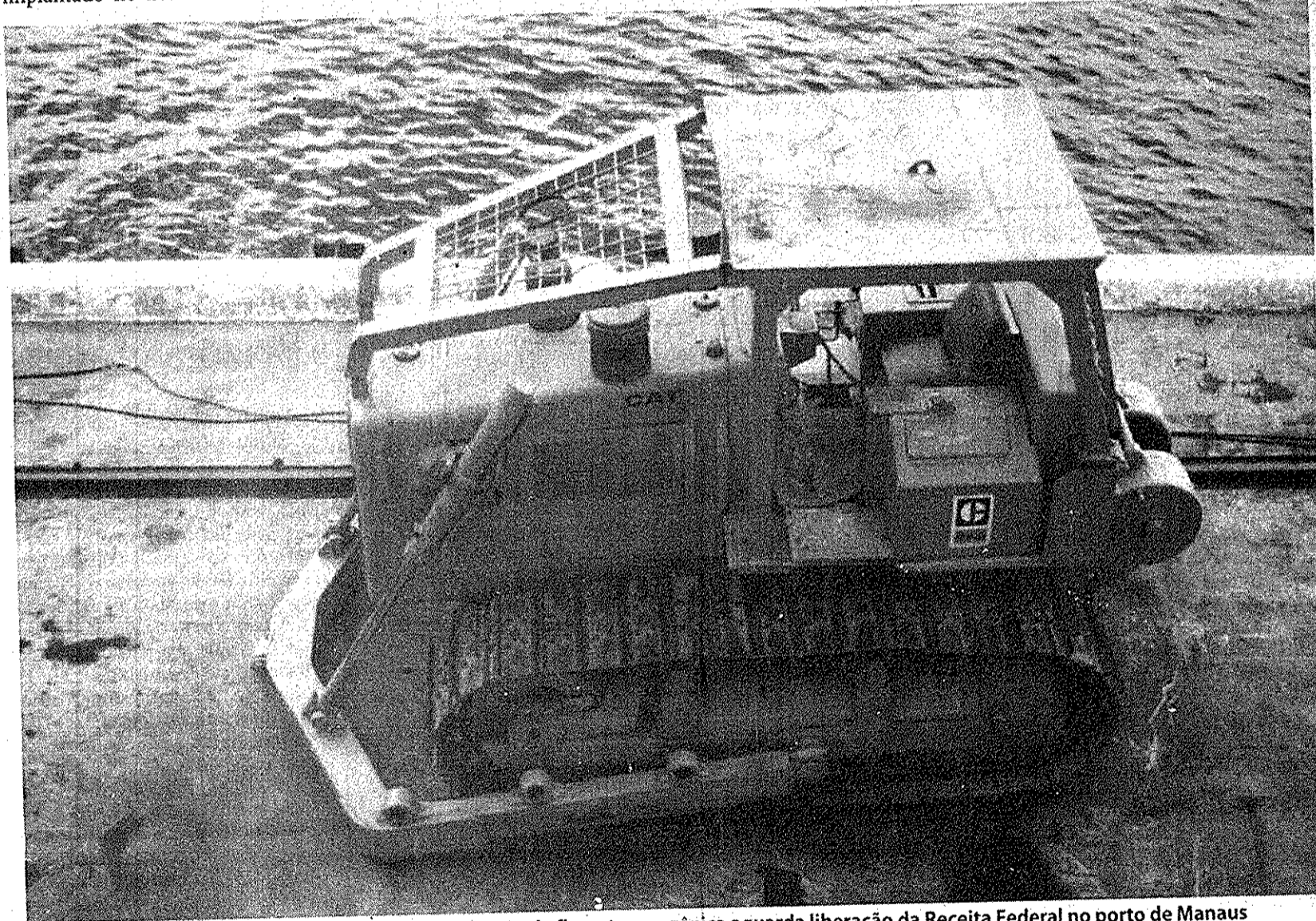
Com esses "contratos", o diretor do Ibama desconfia que os asiáticos vão fazer exploração clandestina em terras alugadas que não contam com plano de manejo florestal exigido pela legislação.

Na sua avaliação, os asiáticos devem fazer exploração ilegal porque as madeireiras que adquiriram não têm estoque de terras compatível com seus investimentos.

O cadastro do Inbra sobre propriedades rurais aponta que as três madeireiras compradas têm apenas 33,1 mil hectares. As 377 madeireiras instaladas na Amazônia controlam 1,6 milhão de hectares, segundo os planos de manejo apresentados ao Ibama.

A preocupação do órgão é saber quanto os malasianos pretendem extrair com investimentos de cerca de US\$ 500 milhões. Esse valor é bastante expressivo para o setor. Supera em quase um terço os US\$ 385 milhões obtidos em 1995 com a exportação de mogno, a madeira nobre mais cobiçada da região.

Segundo o Ibama, estrangeiros só podem possuir terras de 3.500 a 7.000 hectares com autorização presidencial. Acima disso, o Congresso deve autorizar.



Trator importado pela madeireira TKW para exploração da floresta amazônica aguarda liberação da Receita Federal no porto de Manaus

Um total de

**377**

madeireiras instaladas na Amazônia controlam 1,6 milhão de hectares, segundo planos de manejo

Investimento de

**500**

milhões de dólares foi feito pelas madeireiras WTK Group e Samling para iniciar exploração florestal na Amazônia

## Exploração deixa rastro de devastações

da Agência Folha, em Manaus

Dossiê elaborado pela Organização Não-Governamental WWF (Fundo Mundial para a Natureza) afirma que as madeireiras asiáticas chegam ao Brasil deixando um rastro de destruição pelo mundo.

Segundo a WWF, a destruição causada pelas madeireiras teve início em seus países de origem.

As madeireiras WTK e Samling, que agora se instalam no Brasil, estão entre as responsáveis pela devastação de mais de 15 milhões de hectares por ano na região de Sarawak, na Malásia.

"A previsão é de que toda a floresta tropical da Malásia esteja destruída dentro de dez anos", diz Paulo Lira, do WWF.

Tu Tuang Hing, gerente-geral da Amaplac (comprada pela WTK),

diz ser fantasia de ambientalistas a afirmação de que as florestas da Malásia foram devastadas.

"Nosso país ainda é 70% coberto por florestas virgens", afirmou.

Com a diminuição de seus estoques, e com a criação de leis mais severas para a exploração em seu país, essas madeireiras procuram outros países para explorar.

Segundo o WWF, elas teriam hoje concessões para explorar florestas no Camboja, Romênia, na África Ocidental e, mais recentemente, na África Central e nas Guianas.

A floresta Amazônica, em particular o Brasil, é o próximo passo dos asiáticos, que utilizam tecnologia de ponta na extração, como tratores articulados e helicópteros.

De acordo com o relatório do WWF, países da África Ocidental, como Nigéria, Gana e Costa do

Marfim, já estão deixando de ser exportadores de madeira, pelo esgotamento de seus recursos.

Ao lado das madeireiras da Malásia estão outras da Coreia do Sul e China.

Para o presidente do Ibama, Eduardo Martins, a presença das madeireiras asiáticas no país ainda é modesta. Martins diz acreditar que essas madeireiras estejam querendo sinalizar para seus mercados consumidores que já dispõem do maior estoque de madeira do mundo.

A Amazônia possui, hoje, um terço de todo o estoque de madeira existente. Até hoje, apenas cerca de 10% de toda a floresta foi devastada. Martins disse que o Ibama não permitirá que as madeireiras façam, no país, o que fizeram em outros locais.

## Planos de manejo não são respeitados

da Agência Folha, em Manaus

O plano de manejo florestal é uma exigência legal para que alguém possa extrair madeira.

A legislação vigente prevê que a área de onde será extraída a madeira seja dividida em 25 partes. Cada parte deve ser explorada durante um ano, mas também não pode ser devastada.

Depois de explorada, cada parte deve ficar intocada durante 24 anos, para que seja naturalmente reflorestada. Antes de iniciar a exploração, o produtor deve apresentar o plano ao Ibama.

O Ibama iniciou, neste ano, uma auditoria nos planos de manejo praticados. Foram encontradas irregularidades em 63,3% dos 1.077 planos avaliados até agora.

Foram suspensos 424 planos

(39,4%) que apresentavam irregularidades. Outros 257 (23,9%) foram cancelados, porque não estavam sendo cumpridos.

"Ficção"

Para Paulo Lira, da Organização Não-Governamental WWF (Fundo Mundial para a Natureza), esses dados demonstram que os planos de manejo são, em sua maioria, "uma ficção."

A opinião de Lira é compartilhada pelo superintendente do Ibama no Amazonas, Hamilton Casara. Para Casara, o problema não se resume apenas ao plano de manejo.

Ele aponta que algumas espécies, como a samaúma, são muito visadas e correm maior risco de extinção. "O manejo de forma incorreta pode não levar à devastação de grandes áreas, mas há o risco de

extinção de espécies, provocando uma erosão genética", afirmou.

De acordo com ele, a extração em terra firme, como a planejada pela WTK, também é mais destrutiva. Atualmente, a maior parte das madeireiras do Amazonas explora madeira em áreas de várzea. No período de cheia, os troncos cortados bóiam e são retirados.

Na terra firme, a retirada é feita por tratores, que acabam derrubando outras árvores que não serão usadas. Richard Bruce, consultor da WTK, diz que os modernos equipamentos importados pela empresa permitem a retirada sem grande destruição.

Bruce também afirma que são retiradas apenas árvores "velhas", sendo permitida a preservação da espécie, por intermédio da manutenção das mais jovens.